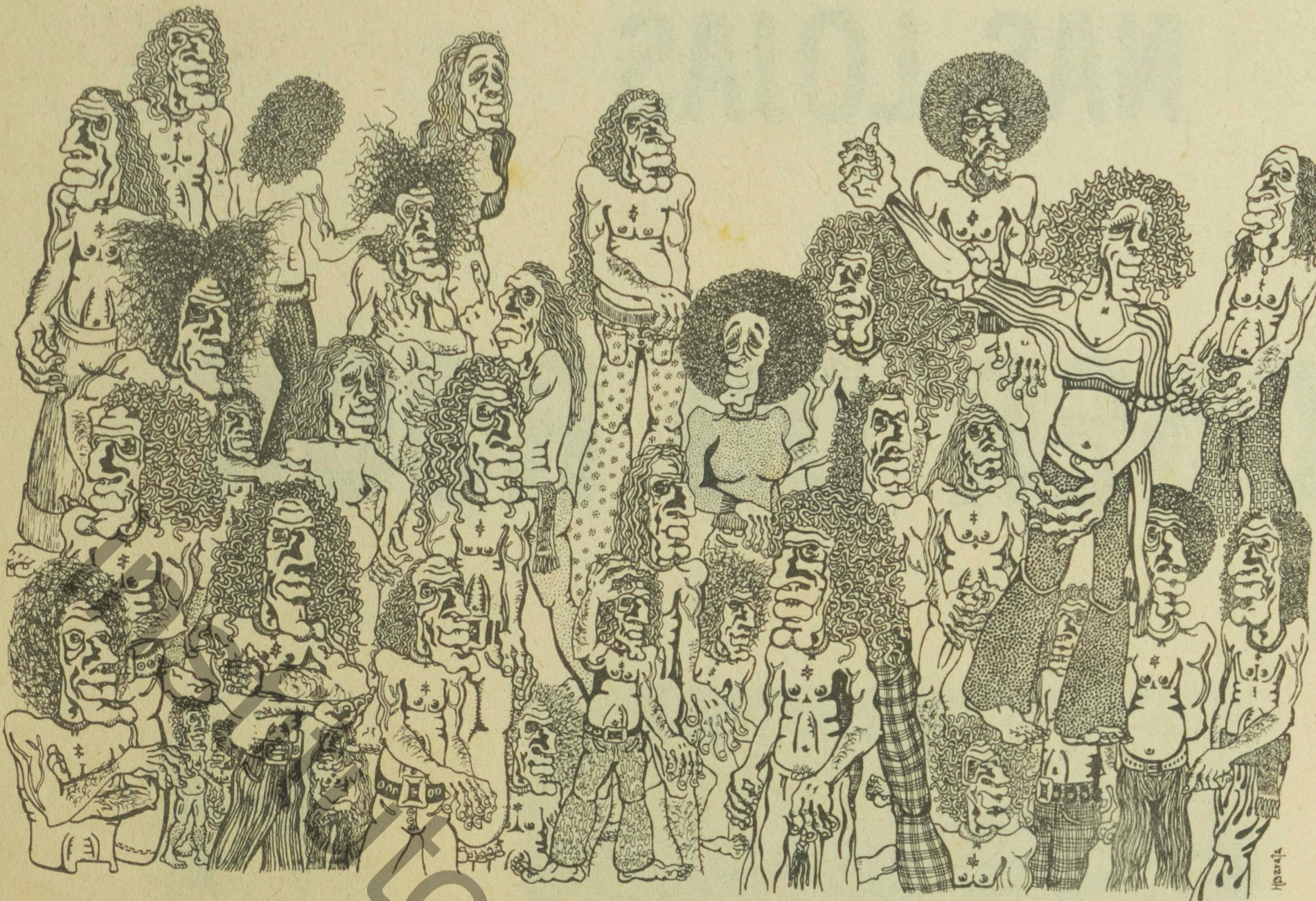


DESENHO DE M. BARATA



## O QUE É A CASA DAS PALMEIRAS OU DRA. NISE E A ANTI- PSIQUIATRIA AVANT- LA LETTRE

Para quem nunca ouviu falar de Casa das Palmeiras: é uma clínica psiquiátrica sem fins lucrativos que faz antipsiquiatria no Rio de Janeiro há mais de 15 anos. Foi fundada em 1956 pela psiquiatra Nise da Silveira — sua diretora técnica — e funcionou até três anos atrás num velho casarão da Rua Hadock Lobo, cedido pela família Lafayette Cortes. Seu nome vem das palmeiras centenárias dessa casa. Funciona atualmente na Rua Dona Delfina, 39, Tijuca, no horário de 13 às 17,30 horas.

Nise da Silveira é a autora de Jung Vida e Obra (2ª edição já esgotada), fundadora do Grupo de Estudos C. G. Jung, da revista Quaternário (nº 3 em preparo) e da Seção de Terapêutica Ocupacional e de Reabilitação do Centro Psiquiátrico Pedro II. É indiscutivelmente, no Brasil, a maior autoridade em psicologia junguiana e no estudo das artes plásticas como meio de acesso ao inconsciente e como meio terapêutico em si.

Instituição sem fins lucrativos, a Casa das Palmeiras conta com o déficit financeiro como parte do seu programa de vida. Quando isso se torna um problema muito grave têm aparecido sempre "amigos entusiastas" para dar uma ajuda. No ano passado um quadro de Djanira salvou a situação até setembro, quando Fauzi Arap e Bethania ofereceram a pré-estréia de Rosa dos Ventos. Este ano a jornalista Gean Maria Bittencourt, com a colaboração de artistas e anti-quários do Rio, está preparando um Leilão de Arte a ser feito na 2ª quinzena de maio no Solar do Barreto (Cosme Velho).

Para o catálogo Dra. Nise escreveu o texto que publicamos:

A Casa das Palmeiras é uma clí-

nica de recuperação para nervosos (no sentido popular da palavra). Trata-se, porém, de uma clínica com características bastante especiais. Sem fins lucrativos, sem depender de instituições tradicionais, a Casa das Palmeiras, embora pobre, teve a independência necessária para crescer (já completou 15 anos) segundo suas peculiares intenções renovadoras.

Coisa nenhuma nessa Casa lembra o ambiente de um hospital ou de um sanatório. Lá não se vê toucas de enfermeiras, seus médicos não usam jalecos brancos, nem seus monitores vestem os clássicos aventais. Não há barreiras de convenções entre os clientes e aqueles que os ajudam a curar-se. Nossa intenção é que a Casa das Palmeiras seja um pequeno território livre, sem discriminações, sem pressões geradoras de angústia, sem solicitações que estejam fora das possibilidades de resposta de seus frequentadores.

Funciona em regime de externato, evitando-se assim o desligamento do indivíduo de sua família e de seu meio.

Na Casa das Palmeiras o principal método de tratamento é a ocupação terapêutica. Através deste método visamos a íntima coordenação de olho e mão, sentimento e pensamento, corpo e psique, primeiro passo para a integração de todo específico que deverá vir a ser a personalidade de cada indivíduo. No exercício das diversas atividades — desde a marcenaria à pintura, à modelagem, ao teatro — fazemos constante apelo à imaginação criadora. Todo ato de criação, mesmo o mais simples e desprezível, implica num encontro entre consciente e inconsciente. É a chama desse encontro, de

intensidade maior ou menor, que fragmentos da psique dissociada juntam-se de novo, que se constroem símbolos transformadores da energia psíquica e veículos que a conduzem a níveis mais altos de consciência.

Aulas de botânica, convivência com animais, grupo cultural, grupo social (Club Caralâmnia) oferecem condições para relacionamento progressivo com a natureza e com outros seres humanos. As relações interpessoais desenvolvem-se espontaneamente no decorrer das atividades. Deliberadamente não as forçamos nunca.

A frente de cada núcleo de atividade está o monitor, que participa ele também dos trabalhos, sem nada exigir, unicamente apoiando e estimulando.

A tarefa principal do médico na Casa das Palmeiras é permanecer atento aos acontecimentos que se processam no mundo interno de seus clientes e que se exprimem sobretudo no decorrer das atividades ocupacionais, seja verbal ou não verbalmente. O médico, sempre presente, ajudará, no momento oportuno, mas nunca violentará a personalidade de seu cliente, nem mesmo com a intenção de curá-lo.

Eis, em linhas gerais, o programa da Casa das Palmeiras, desde sua fundação no ano de 1956. A instituição mantém-se da contribuição de seus sócios, das parcas mensalidades de seus clientes pagantes, da colaboração de amigos dedicados e entusiastas, entre os quais estão na primeira linha sobretudo artistas plásticos e de teatro. Tem atravessado terríveis crises financeiras. A crise atual ameaça sua existência. Mas, confiamos: a Casa das Palmeiras sobreviverá.

NISE DA SILVEIRA

## Todo Mundo Louco —Menos Aqui

WASHINGTON D. C. — O Departamento de Saúde americano editou um boletim anunciando que o consumo de maconha está aumentando vertiginosamente, não só nos Estados Unidos como no mundo inteiro. Alguns exemplos:

— Na Jamaica calcula-se que 50% dos homens adultos fuma maconha diariamente. Em algumas áreas, dá-se banho em bebês recém-nascidos com uma solução de maconha, para desinfetar.

— A Alemanha anuncia numa recente estatística que o consumo de maconha na Bavária quadruplicou de 1969 para cá. A percentagem de menores presos por drogas duplicou.

— A Cidade do México queima duas toneladas de maconha por semana.

— Nos países escandinavos o consumo também subiu muito, se bem que lá o maior problema são as anfetaminas — speed.

— O hashish continua sendo mais popular que a maconha no Oriente Médio, Egito e Europa Oriental.

— Um jornal enrolado contendo maconha vale 5 dólares no Kenya. Na Costa Rica, um cigarro custa quinze cents.

— No Nepal a maconha é legal, mas mesmo assim só é usada para cerimônias religiosas ou sociais.

— Na Coreia quase que só os velhos fumam maconha.

RIO DE JANEIRO — Segundo revelações do juiz de Menores, Sr. Alírio Cavaliere (feitas durante o I Congresso Brasileiro de Higiene Mental do Adolescente, realizado em abril, no Hotel Glória), o uso de tóxicos pelos jovens cariocas está diminuindo. O juiz atribuiu isso "ao início do fim da moda da bolinha, maconha, etc.". Depois informou aos participantes do Congresso que em 1971 o Juizado de Menores criou o Serviço de Liberdade Assistida, que, funcionando gratuitamente, ajudou ou está ajudando na recuperação de 383 crianças e jovens toxicômanos. Desses, 108 já foram desligados, mas ainda se encontram sujeitos a reciclagens periódicas. Do total de assistidos, 168 procuraram o Juizado espontaneamente, 181 estavam processados e, portanto, obrigados a receber a ajuda, e 34 foram enviados por diversos órgãos assistenciais.

O juiz explicou que o Serviço foi fundado para atender a menores de 18 anos, mas que não recusa ajuda a jovens que já ultrapassaram aquela faixa de idade. Daí a presença, nas estatísticas, de 26 rapazes e moças de 19 anos e 14 de 20 anos. O Sr. Alírio Cavaliere revelou também que, apesar do índice de casos referentes a tóxicos ter aumentado em 71, a delinqüência juvenil não registrou crescimento vegetativo de 1964 até o ano passado.

MICK ATKINS/LUÍS ANTONIO